

Transvaloração em *Crônica da casa assassinada*: Timóteo e o punhal de Lúcio Cardoso

Umwertung in *Chronicle of the Murdered House*: Timóteo and Lúcio Cardoso's Dagger

Autoria: Diogo Andrade de Lima

 <https://orcid.org/0000-0003-4741-5118>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.173759>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/173759>

Recebido em: 17/08/2020. Aprovado em: 13/11/2020.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 9, n. 17, jul.-dez. 2020.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

LIMA, Diogo Andrade. Transvaloração em *Crônica da casa assassinada*: Timóteo e o punhal de Lúcio Cardoso. *Opiniões*, São Paulo, ano 9, n. 17, p. 386-409, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.173759>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/173759>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não comerciais.

transvaloração
em *crônica da
casa assassinada*:
timóteo e o punhal
de lúcio cardoso

*Umwertung in Chronicle of the Murdered House: Timóteo and Lúcio Cardoso's
Dagger*

Diogo Andrade de Lima¹

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.173759>

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente desenvolve pesquisa de mestrado sobre os *Diários* de Lúcio Cardoso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela mesma instituição com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior (Capes). E-mail: diogo_andr@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4741-5118>.

Resumo

Crônica da casa assassinada é, segundo Lúcio Cardoso, parte de seu movimento de luta contra Minas Gerais. Este artigo propõe uma análise da relação entre o autor e a sua terra natal, buscando compreender as razões pelas quais Lúcio se colocava contra Minas e a herança cultural dela advinda. Sob essa perspectiva, a noção nietzschiana de transvaloração de todos os valores se mostra como chave interpretativa válida, uma vez que o escritor brasileiro condenava a moral judaica. De tal modo, sendo o movimento de luta um movimento transvalorativo, tentar-se-á mostrar que Timóteo é aquele responsável pelo golpe final contra os Meneses, tornando-se o “assassino” da casa.

Palavras-chave

Lúcio Cardoso. *Crônica da casa assassinada*. Friedrich Nietzsche. Transvaloração. Literatura brasileira. Filosofia.

Abstract

Chronicle of the Murdered House is, according to Lúcio Cardoso, part of his movement against Minas Gerais. This article aims to analyze the relationship between the author and his homeland, trying to understand the reasons why Lúcio was in a position against Minas and the cultural heritage that came from it. From this perspective, the Nietzschean *Umwertung* concept seems to be a valid interpretative key, since the Brazilian writer condemned Jewish ethics. In this way, as the movement against Minas is a movement of *Umwertung*, we will try to show that Timóteo is the one responsible for the final blow against the Meneses family, becoming the “murderer” of the house.

Keywords

Lúcio Cardoso. *Chronicle of the Murdered House*. Friedrich Nietzsche. *Umwertung*. Brazilian Literature. Philosophy.

Para a fome desabrida dos seres que me cercavam,
abandonaria um punhado de ossos calcinados

Lúcio Cardoso

A obra-prima de Lúcio Cardoso, *Crônica da casa assassinada*, é memorável. Certamente muitos poderiam tomar para si aquela declaração de Manuel Bandeira que esteve presente durante anos, em inúmeras edições, na contracapa do livro.² O escritor pernambucano afirmava que todos os personagens do romance continuavam vivendo em sua imaginação, inapagáveis. A força excepcional que cada um deles possui, atrelada a uma narrativa repleta de denso lirismo e disposta de modo a reiteradamente incitar o leitor a adentrar cada vez mais fundo na casa dos Meneses, tudo contribui para a fixação desse universo não apenas na memória, mas no espírito.

Decorridos sessenta anos desde o lançamento do romance, os leitores contam também com uma tradução para o francês, realizada por Mario Carelli e publicada em 1985, e com uma versão em inglês, traduzida por Margaret Jull Costa e Robin Patterson, publicada em 2016. Há, no decorrer desse período, um crescimento do número de pessoas que se debruçaram sobre o conjunto da obra de Lúcio Cardoso, mas especialmente sobre a *Crônica da casa assassinada*. Entre artigos, dissertações e teses, inúmeros trabalhos sobre o romance foram produzidos, abordando os mais variados aspectos textuais, norteados por interpretações e vieses igualmente diversos.

O presente artigo, além de indicar sinteticamente uma relação entre a produção literária de Lúcio e suas leituras de Nietzsche, apresenta-se como um tributo ao personagem Timóteo – apenas um dentre uma miríade de seres que, em sua complexa estrutura, são igualmente maravilhosos.

Pretende-se aqui, em um primeiro momento, reavaliar a relação existente entre Lúcio Cardoso e Minas Gerais, rememorando especialmente o polêmico depoimento concedido a Fausto Cunha, no qual o escritor fala sobre o seu movimento de luta contra a terra natal. Em seguida, reconhecendo Lúcio como um leitor de Nietzsche, buscar-se-á verificar os pontos de contato entre ambos, especificamente no que concerne à noção de transvaloração, correlacionando o punhal cardosiano ao martelo nietzschiano. Por fim, indicar-se-á haver, em *Crônica da casa assassinada*, algumas sugestões de que Timóteo, portador de certas ideias de Lúcio, tenha sido o responsável por desferir a punhalada fatal, sendo esta um símbolo do projeto transvalorativo erigido com o romance cardosiano.

² O trecho em questão foi retirado de um artigo de Manuel Bandeira sobre Lúcio Cardoso. O texto foi originalmente publicado na Folha de São Paulo em 1960. Cf. BANDEIRA, p. 2.

minas, um espinho no coração

A aparente ojeriza de Lúcio Cardoso à Minas Gerais e aos elementos culturais formativos da estrutura moral normativa e factual de seu povo é célebre, especialmente devido à entrevista que o autor concede ao crítico literário Fausto Cunha, publicada em 1960 no Caderno B do *Jornal do Brasil* e posteriormente republicada, com algumas alterações, no periódico *Ficção*, em 1976.³ Ao ser questionado sobre o significado do seu diário, Lúcio enquadra-o, juntamente aos romances *Crônica da casa assassinada* e *O viajante*, em uma esfera vital subjetiva, conferindo às obras um caráter significativo de movimento de luta, um punhal erigido contra a “família mineira”, a “literatura mineira”, o “jesuitismo mineiro”, a “religião mineira”, a “concepção de vida mineira”, a “fábula mineira”, o “espírito judaico e bancário que assola Minas Gerais”, “contra Minas, na sua carne e no seu espírito” (CARDOSO, 2012, p. 731). No próprio texto diarístico do autor encontram-se menções à “velha gente puritana” (*idem*, p. 327) e ao “espírito mineiro de cabeça baixa” (*idem*, p. 512). Tais elementos são intrínsecos, em certa medida, às experiências vivenciadas pelo escritor curvelano em sua infância, sendo em oposição a eles que Lúcio se insere em uma postura de insubmissão, como modo de recusa e de não aceitação das influências quase proselitistas de uma memória da remota vivência em um espaço provinciano – tão insistente em sua interpelação à realidade corrente.

Apesar da condenação cardosiana aos inúmeros componentes de algo que poderia ser denominado “cultura mineira”, é notória outra relação estabelecida entre o autor curvelense e o seu estado de origem. O escritor, caminhando mais uma vez por terras mineiras, sente um estranhamento em relação ao espaço, “como se a Minas que existisse em mim fosse puramente ideal, mas feita de lastro do passado do que de uma fisionomia presente” (CARDOSO, 2012, p. 509), chegando à conclusão de já não pertencer mais àquele lugar nem a nenhum outro. Em Ubá,

³ Acerca desta entrevista, Cássia dos Santos (2005, pp. 54-56) revoga o pretensão ineditismo alegado pelo periódico *Ficção* (fev. 1976, n. 2, p. 71) ao publicar o depoimento de Lúcio Cardoso, indicando a coluna de Mauritônio Meira – interinamente sob a responsabilidade de Fausto Cunha – como o espaço no qual a primeira versão é publicada. A pesquisadora, ao considerar uma nota da revista *Ficção* que apontava para uma revisão e amenização da declaração por parte do próprio autor, sugere que a crítica à religiosidade mineira – ausente no texto publicado no *Jornal do Brasil* – tenha sido propositalmente suprimida. Ambas as versões podem ser encontradas nos *Diários* (CARDOSO, 2012) organizados por Ésio Macedo Ribeiro. A título de curiosidade, acrescenta-se que o nome de Fausto Cunha como o “Interino” que assinou a coluna “Vida Literária” entre o n. 254 (28 out. 1960) e o n. 283 (2 dez. 1960) do *Jornal do Brasil* foi revelado apenas na edição que marcava o retorno de Mauritônio Meira à coluna, no n. 286 (6 dez. 1960). Na ocasião, Mauritônio, noticiando que o autor da *Crônica da casa assassinada* decidira rejeitar o prêmio de romance do Instituto Nacional do Livro, relembra a nota, publicada em caráter inédito pelo jornalista interino (n. 281, 30 nov. 1960), sobre a deliberação da comissão julgadora por dividir o valor de 100 mil cruzeiros entre Lúcio Cardoso e Santos Morais. A razão do afastamento temporário de Mauritônio é indicada por Fausto Cunha: “O titular de VL, quando descia da serra com a família, foi abalroado por um desses loucos do volante que tornam a vida no Rio uma aventura a cada minuto. Nada de muito grave, mas o colunista [...] deverá permanecer em repouso” (CUNHA, 1960, p. 2).

município de Minas Gerais, invadido por intenso sentimento de solidão, refletindo sobre as variadas tristezas e diferentes anoiteceres que caracterizariam cidades litorâneas e interioranas, Lúcio escreve, em entrada dos *Diários* datada de julho de 1962: “Minas, esse espinho que não consigo arrancar do meu coração – fui menino em Minas, cursei Minas e os seus córregos, vi nascer gente e nome em Minas, na época em que essas coisas contam” (*idem*, p. 504). A menção a um espinho no coração parece remontar à segunda epístola de Paulo à igreja em Corinto, especificamente à narrativa bíblica do apóstolo acerca de um espinho na carne (2 CORÍNTIOS 12:7-10). Este, como um mal inominado que acometia Paulo,⁴ não teria sido retirado por Deus a fim de que ele não se exaltasse. Assim, esse constante chamado à consciência faz-se em modo de exercício da fé através da aceitação do sofrimento, da resignação perante a divindade, da submissão diante da onipotência, da conformidade a uma vontade superior, quando angústias e fraquezas tornam-se possibilidades de experiência do prazer e da glória. No caso de Lúcio, a rememoração de uma época há muito pregressa – consequente a uma marca figurativamente corpórea – pode estar relacionada às questões atreladas ao fundamento da ética cardosiana, como defende Enaura Quixabeira Rosa e Silva, isto é, o conflito dialético entre pecado e salvação (2004, p. 97-126). Sob essa ótica, Minas erigir-se-ia, por um lado, como símbolo de sua infância, como difusor de uma herança cultural secular que reiteradamente conflitaria com componentes basilares e inalteráveis do autor – um dedo em riste expositor de todas as suas contradições, falhas e pecados. Por outro lado, a rememoração é também constatação de um vir a ser, é percepção da consumação em ato de algo que existia em potência: “muito do que sou hoje, marcado em características por assim dizer essenciais, foram simples detalhes da minha infância” (CARDOSO, 2012, p. 193). Apesar de estar se referindo, nessa entrada, a defeitos que encontrava em si e que considerava graves, acredita-se ser possível dizer de uma concreção de particularidades que remontam diretamente à puerícia. As vivências e experiências do escritor, tal como sua individualidade e seus atributos que assinalavam a infância, tudo se enrijece e se consolida, formando uma massa díspar e heterogênea que acompanha o autor em sua vida adulta. Acometido por uma perturbação inominada, acreditava em um mal profundo, mencionando o próprio “espinho na carne” de Kierkegaard⁵ (*idem*, p. 351) – a quem poderia também estar remontando ao conceber Minas como o seu próprio espinho.

Mario Carelli, declarando ser Lúcio Cardoso um escritor “visceralmente mineiro”, descreveu a relação do autor com o estado como um “amor-ódio de que aliás ele não podia se libertar” (1988, p. 21). De modo semelhante, parece ser evidente – mesmo para leitores que desconheciam a figura do escritor – a

⁴ Sendo inominado, discute-se sobre a natureza de tal mal, se físico ou espiritual. Sobre uma abordagem exegética acerca do que realmente seria o “espinho na carne”, conferir MULLINS, 1957 e COLLINS, 2011.

⁵ Kierkegaard, filósofo dinamarquês, discursou sobre o “espinho na carne” mencionado pelo apóstolo Paulo. Cf. KIERKEGAARD, 1992, p. 327-346. Também acreditava-se portador de um “espinho”. Sobre essa questão, Cf. SAMPAIO, 2004.

procedência mineira do criador de *Crônica da casa assassinada*. A compreensão desse fato não se dá unicamente em decorrência de uma ambientação espacial do romance maior de Lúcio, mas pela exterioridade palpável das origens introspectivas do texto. Gilberto Amado, em carta endereçada ao autor, datada de 22 de junho de 1959, escreve:

Há na sua *Crônica da casa assassinada* um Brasil como o que tentei mostrar em *Inocentes e Culpados* e *Interesses da Companhia* e que ninguém quis ver. Apenas o seu livro é possantíssimo. Porque que não “Os Menezes”? Era o título natural. Nesse livro pode-se ver ainda uma vez como tudo que se chama ou se quer chamar defeito de composição, primeira pessoa, cartas, diários, linguagem de personagem acima da sua inteligência, caráter social e profissão... é secundário. Que importa que o farmacêutico ou que a mulher de Demétrio falem “bonito” como falam se o que dizem reflete na dialética do drama as suas posições respectivas de seres vivos vivendo. Já o li e reli muitas passagens mais de uma vez. E que língua você domina! Variada, saborosa, concreta, carocuda e sumarenta ao mesmo tempo. Nota-se-lhe grande descuido “camoniano” a respeito de cacófatos. (Escrever-se em português sem cacófatos é impossível, mas logo as primeiras páginas me chocou aquele “eco duro”). Talvez um dia escreva sobre o seu livro. Conheço você? Já o vi? Não tenho a respeito nenhuma ideia. Quem é você? Que vem de Minas é visível! (AMADO, 1959, p. 1).

Parece haver, no comentário de Gilberto Amado, a indicação do reconhecimento de um elemento de representação social na obra cardosiana em questão, mas igualmente uma compreensão de que este não conduziria a um puro realismo devido ao lirismo que permeia todo o texto. Essa característica é fundamental para a inserção do romance no âmbito da escrita introspectiva que, na *Crônica*, encontra seres em seu estado mais visceral e agudo possível, influenciados diretamente pela subjetividade do autor. Entretanto, se essa é a razão pela qual Amado afirma tão enfaticamente ser visível a origem mineira de Lúcio, não é possível afirmar.

O estado natal de Lúcio Cardoso é, tal-qualmente, fonte de sustentação, como indica o autor na mesma entrada dos *Diários* sobre Ubá, anteriormente mencionada: “O que amo em Minas é a sua força bruta, seu poder de legenda, de terras lavradas pela aventura que, sem me destruir, incessantemente me alimenta.” (2012, p. 504). Andréa Vilela compreende essa relação como a ligação existente entre a árvore e a terra: “Nela [terra de origem] suas veias ficaram plantadas como raízes de uma árvore que suga de suas entranhas o líquido grosso que lhe corre pelos

vasos” (2007, p. 68). Tal comparação torna-se curiosa quando se compreende que são as ramificações da raiz principal – ou seja, estruturas menos antigas no sistema radicular – as principais responsáveis pela absorção nutricional das plantas. Mantido o paralelo, mesmo os desdobramentos mentais e as vivências mais atuais e palpantes do autor estariam igualmente vinculados a Minas Gerais, estabelecendo uma relação contínua de deglutição e absorção daquela força bruta. Entretanto, o vínculo dual é evidente: se no excerto dos *Diários*, de 1962, Lúcio fala de uma alimentação que não o destrói, tem-se na entrevista concedida a Fausto Cunha, quase dois anos antes, a sugestão de um conflito de forças com vistas à dominação e à subjugação:

Ah, mas eu a terei, escrava do que surpreendi na sua imensa miséria, no seu imenso orgulho, na sua imensa hipocrisia. Mas ela me terá, se for mais forte do que eu, e dirá que eu não sou um artista, nem tenho o direito de flagelá-la, e que nunca soube entendê-la, como todos esses outros – artistas! – que afagam não o seu antagonismo, mas um dolente cantochão elaborado por homens acostumados a seguir a trilha do rebanho e do conformismo, do pudor literário e da vida parasitária.

Ela me terá – se puder.

Um de nós, pela graça de Deus, terá de subsistir. Mas acordado. (CARDOSO, 2012, p. 731).

Comparando-se os trechos, encontra-se um aparente contrassenso, particularmente quando a noção de alimentação é permeada por uma conotação positiva. Se, em relação ao corpo humano, os nutrientes são elementos essenciais para o metabolismo do organismo, a substância captada e assimilada por Lúcio é então passível de ser compreendida, apesar de qualquer caráter nocivo, como algo fundamental, um componente imprescindível para a sua conservação. Tal conjuntura poderia ser interpretada como uma falta, como um indicativo da ausência de autossuficiência ou, em outro contexto, uma privação de autonomia. Sobre uma questão próxima a esse ponto, o próprio autor declara, ainda na entrada escrita em razão de sua visita a Ubá: “O que amo em Minas são os pedaços que me faltam, e que não podendo ser recuperados, ardem no seu vazio, à espera de que eu me faça inteiro – coisa que só a morte fará possível.” (CARDOSO, 2012, p. 504). Nota-se que a incompletude alegada por Lúcio aponta para algo que possivelmente poderia ser a ele intrínseco, uma vez que se fala em impossibilidade de recuperação. O uso de uma variante do termo, por sua vez, indicaria não se tratar de mera ausência de algo que nunca se possuiu, mas que se perdeu. A morte – ponto necessário para a ocorrência da “ressurreição” – é então um acontecimento que conduz à reintegração de si: “No céu a criatura deve ser inteira mesmo, tendo a um só tempo tudo que é seu, tudo que já lhe aconteceu, tudo que já viu, que já gostou, que já teve ou quis ter, que já sentiu, e ainda a surpresa. [...] Tudo estará conosco.”

(*idem*, p. 161-162). Em entrada de 9 de setembro de 1951, dia no qual foi celebrada uma missa pela alma do pai de Lúcio em razão dos 13 anos de falecimento do mesmo (datado de 8 set. 1938), o escritor comenta sobre a sua distração na igreja, afirmando estar certo, porém, de que “qualquer coisa muito antiga vinda da infância ainda fala dentro de mim.” (*idem*, p. 374) Segundo Lúcio, havia nele uma impossibilidade de abandonar essa infância (*idem*, p. 439), mesmo que ela remontasse a mundos vistos magicamente e que foram perdidos em tempos remotos (*idem*, p. 212).

A relação entre a perda e a concepção da morte como possibilitadora da restauração também aparece nas memórias de Maria Helena Cardoso:

Minhas viagens são sempre voltas à infância [...] O que perdi não terei mais, porém, mesmo assim volto sempre. A esperança de que algum dia encontrarei aquilo que procuro incansavelmente. Quem sabe na morte, única paisagem que por enquanto me é vedada. (CARDOSO, 1973, p. 17).

Minas, sendo um espinho no coração de Lúcio, apresenta-se aos olhos do autor não como uma promessa de reintegração de fragmentos, mas como alegoria da impossibilidade de recuperação do que foi há muito perdido e não se encontra tangível ao espírito que anseia por uma reassunção, ardendo, penalizando-o como uma dor fantasma em um membro amputado. Já para Maria Helena a memória de Minas se torna santuário de um espaço e de uma época que deveriam ser mantidos íntegros, até um possível reencontro através do perecimento corporal.

Mesmo que com sentimentos, razões e pretensões diversas daquelas do autor da *Crônica da casa assassinada*, Maria Helena rememora cidades mineiras, também com certo pesar causado pela falta:

Antes, muito antes da morte da gente, morrem as cidades onde nascemos, vivemos, por onde passamos. As transformações se sucedem nelas, deixando em seu lugar cidades novas, que não temos dentro de nós. Curvelo dos meus dez anos, Curvelo de 1910, 12, 13, as pessoas que viviam nele naquele tempo, os hábitos, tudo se modificou, morreu. Se vou lá não o reconheço na sua fisionomia nova. *Aquele Curvelo dentro de mim só existe agora na minha lembrança*. Tudo mudou lá, de permanente apenas o céu, o sol, a cor da terra. O mesmo com Belo Horizonte, já não é a mesma. Está morta, morta muito tempo antes de eu ter morrido. As cidades que eu amo, onde vivi, morreram, mas estão fixadas para sempre na minha memória. Por isso mesmo lindas, lindíssimas, enfeitadas pelo meu sonho, onde tudo pode existir desde que existam em mim, tudo pode acontecer. *Inútil buscá-*

las no presente, existem apenas no tempo. Mas a gente não se esquece nunca. Nonô, apesar de dizer que não se importa, está sempre se traindo. Ontem mesmo, a propósito não sei mais do quê, escreveu e me mostrou muito risonho: "Foi aqui, o vento soprou de M. Gerais." (CARDOSO, 1973, p. 258; grifo nosso).

A insuficiência da lembrança, assim como a ânsia por uma restauração dos fragmentos que vão sendo deixados pelo caminho em razão da voracidade da passagem temporal, pautam o pensamento da autora mineira. Em Lúcio também há a impossibilidade, porém marcada por uma dor diferente, por um conflito que está para além do saudosismo e da nostalgia, mas que igualmente relaciona-se a um universo específico que assinala a infância.⁶ O possível ódio do escritor por Minas Gerais, o desejo de escravização e de violento ataque, tudo coexistiria com o seu amor por aquelas terras – amor este que, eventualmente, seria o responsável pelas constantes traições à postura assumida por Lúcio em relação ao estado natal.

Em nota ao prefácio (reprodução de um discurso proferido por João Etienne Filho) de *Poemas inéditos* – provavelmente escrita pelo organizador e editor da obra póstuma, Octávio de Faria, lê-se:

Disse-me Maria Helena Cardoso, irmã do poeta, que Lúcio se considerava esquecido pelos mineiros, queixando-se de abandono. Isso o levou às vezes a falar mal dos mineiros e de Minas, mas era por amor e ciúme. Às vésperas de morrer, queria morar em Ubá ou Sabará. Mas ainda que renegasse Minas, sua obra literária toda e seus quadros estão aí para afirmar a mineiridade. (FARIA, 1982, p. 24).

Há, então, mais de um momento em que Maria Helena suaviza o aparente furor com que Lúcio se portava em relação às Minas Gerais, justificando e simplificando a indisposição do irmão em relação ao estado brasileiro. A partir desses relatos, ainda agora parece soar impróprio uma fala que denuncie exagero, descomedimento ou excesso por parte do escritor, seja em relação à entrevista concedida a Fausto Cunha, seja a quaisquer outros momentos nos quais Lúcio tenha despendido tempo e energia para se voltar contra Minas, odiosa e intensamente erigindo o seu punhal contra a terra de nascença. Afinal, como o autor questiona, através de Timóteo, “Que é este mundo sem paixão, Betty? É preciso nos concentrarmos, é preciso retirar de tudo sua dose máxima de interesse e de veemência.” (CARDOSO, 2015, p. 60). Verdadeiramente, quase dois anos após o

⁶ Há considerável quantidade de trabalhos que, em um momento ou outro, tocam a problemática da infância em Lúcio Cardoso. A título de ilustração, no âmbito da poesia, Cf. RIBEIRO, Ésio Macedo. *O riso escuro, ou, O pavão de luto: um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2006. Sobre o romance *Dias Perdidos*, Cf. BRAGA FILHO, Jair Ramos. *A melancolia narrada: Dias Perdidos, de Lúcio Cardoso*. 2008.

depoimento ao interino da coluna “Vida Literária” do Jornal do Brasil, Lúcio declarava seu amor por Minas, estando justamente em Ubá.⁷ Porém, muito do que há de conflituoso, contraditório e fragmentado no autor encontra-se vinculado à sua infância e às suas ruínas, remetendo, obrigatoriamente, a Minas Gerais.

Para Ruth Silviano Brandão, as ruínas são componentes dos textos de Lúcio, “ruínas de uma grandiosidade idealizada e uma perda de ilusões”, acarretando então em uma “escrita de restos” (2007, p. 37). Este aspecto é reiterado por Andréa Vilela ao dizer que “o resíduo, o rastro, o que sobra, são matérias que compõem a massa do barro que Lúcio manipula e molda para fazer com que sua obra tome corpo” (*idem*, p. 90). A valoração positiva da fragmentação do ser surge como vinculada aos escombros: “é sobre nossas próprias ruínas que chegamos a saber quem somos”, afirma o filósofo romeno Cioran (2014, p. 69). O ataque de Lúcio à terra natal parece ser uma tentativa de reestruturação de si, uma investida em prol da superação e desvencilhamento de uma herança – especialmente moral – que, apesar de ser muitas vezes apresentada de modo quase consubstanciado, é também ruína a ser dizimada, é elemento cuja atualidade afeta imediatamente o autor, transferindo para a sua obra todo o esfacelamento próprio do artista.

No contexto acima descrito, tem-se que a obra-prima de Lúcio Cardoso, *Crônica da casa assassinada*, surge como uma conjunção entre a constituição ruínica do autor e o seu ímpeto por um domínio dos componentes tensionais que geram e convulsionam um conflito interno. A noção nietzschiana de transvaloração parece mais oportuna para uma interpretação do que efetivamente seria o movimento de luta cardosiano, especialmente no que concerne à *Crônica*, em cujo corpo há referência direta a um golpe de punhal – instrumento que pode ser analisado paralelamente ao martelo de Nietzsche.

a transvaloração entre punhais e martelos

O conteúdo do “Diário de terror” de Lúcio Cardoso indica a existência de certo entusiasmo do autor pela filosofia nietzschiana, uma vez que, em determinado trecho, o mineiro lamenta não ter conhecido Nietzsche quando jovem. Há, porém, a sugestão de estar se referindo não a um conhecimento genérico, com fórmulas decoradas, mas de modo mais aprofundado, considerando a “dosagem maciça, cujo poder só pode ser avaliado inteiro com pleno conhecimento de toda a região que ele domina” (CARDOSO, 2012, p. 527) que caracterizaria o filósofo alemão. Se Lúcio pontuava uma época na qual desconhecia (no sentido acima mencionado)

⁷ Nos *Diários* de Lúcio, além dos trechos de julho de 1962 (CARDOSO, 2012, pp. 503-506), quando o autor estava em Ubá, há também menção à cidade em entrada de 26 de dezembro de 1950. Em uma viagem de carro com Fregolente (possivelmente Ambrósio Fregolente, ator) e amigos, passam por cidades como Sapucaia, Leopoldina, Cataguases, Guidoal e Ubá. Sobre esta, assim como sobre Cataguases, disse o autor, na época: “feias, pobres nas suas graças de vilas erguidas a esmo para caixeiros-viajantes, entrecortadas em pleno meio-dia pelo dom dos rádios escandalosamente abertos nas praças públicas.” (*idem*, p. 316).

Nietzsche, remontando aos seus vinte anos, acredita-se que o autor, ao falar sobre isso naquele instante, acreditava encontrar-se agora em uma condição de conhecimento mais denso. Encontra-se no “Diário 0” – publicado ineditamente por Êsio Macedo Ribeiro na edição dos *Diários* e constituído por textos que abrangem o período entre 1942 e 1947 – citações nominais de obras nietzschianas, como *Vontade de poder* (*idem*, p. 74; p. 79) e *A origem da tragédia* (*idem*, p. 79). Certas reflexões cardosianas também indicam a leitura de outros textos do filósofo, como as considerações acerca da causalidade em Nietzsche (*idem*, p. 53-54), sugerindo a leitura de *A gaia ciência*, e as divagações sobre a “queda do homem” (*idem*, p. 69), que remetem à *Genealogia da moral*. A utilização da expressão “super-homem” (*idem*, p. 49) alude a uma leitura de *Assim falou Zaratustra*, possivelmente confirmada pela menção ao personagem em entrada de 1943 (*idem*, p. 80). Há também menção a *Além do bem e do mal*, em trecho do mesmo ano (*idem*, p. 101). Como determinadas teorias eram desenvolvidas, alteradas ou reiteradas ao decorrer dos anos e das publicações, outros textos também poderiam ter chegado às mãos de Lúcio, que então divagava e comentava, mesmo que indireta e inominadamente.

Segundo Marton (1990, p. 25), o projeto nietzschiano da transvaloração de todos os valores seria composto de quatro livros, apesar de apenas um deles ter sido publicado: *O anticristo – ensaio de uma crítica do cristianismo*; *O espírito livre – crítica da filosofia como movimento niilista*; *O imoralista – crítica da mais fatal espécie de ignorância: a moral*; *Dioniso – filosofia do eterno retorno*. Em *O anticristo*, Nietzsche (2014, p. 27) afirma: “nós próprios, nós, espíritos livres, já somos uma ‘transvaloração de todos os valores’, uma declaração, em pessoa, de guerra e de vitória a todos os velhos conceitos de ‘verdadeiro’ e ‘falso.’” Uma vez que o filósofo alemão já havia denunciado a inversão de valores realizada pelos judeus e a inauguração de uma moral pautada pela “insurreição dos escravos” (NIETZSCHE, 2001, p. 109), fazia-se necessário compreender que uma moral que impunha o afastamento do homem para além dos fenômenos seria cerceadora da multiplicidade da natureza. Não apenas isso, mas a doença que acometia a modernidade ocidental, pautada pela crise dos valores e instituições que a constituíam, teria uma origem moral, especificamente naquela advinda da tradição judaico-cristã. A mediocrização do humano àquilo que Viesenteiner (2006, p. 16) chama de “homem animal de rebanho útil, trabalhador, multiplamente utilizável e obediente” cria um espaço favorável para o surgimento de espíritos livres, para a ascensão do além-do-homem anunciado por Zaratustra: “Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?” (NIETZSCHE, 2011, p. 13).

Enquanto o niilismo é caracterizado pela perda de cogência e validade de todas as formas ideais de sustentação e de norteamento da cultura, a transvaloração dos valores, em determinada concepção,⁸ é a superação de uma moral degradante e

⁸ A ideia de transvaloração aparece em inúmeros textos de Nietzsche, sendo então complexa a tarefa de conceituação única e permanente do termo. Em certa medida, a própria inversão dos

rebaixadora, é a sobrelevação do homem para um espaço alheio à moral vigente. Como indica Luís Rubira, “a transvaloração nietzschiana precisa operar sobre todos os valores que, desde então, se estabeleceram; e seu símbolo é Dioniso. Entende-se, assim, a derradeira inscrição em *Ecce homo*: ‘Dioniso contra o crucificado...’” (2005, p. 118). Na mesma obra citada por Rubira, encontra-se uma definição expressa do dionisíaco segundo Nietzsche: “O dizer sim à vida, até mesmo em seus problemas mais estranhos e mais duros, a vontade para a vida, que se alegra em sua própria inesgotabilidade até mesmo no sacrifício de seus mais altos tipos” (2003, p. 86). Em contraposição à moral instituída pelo cristianismo, vista pelo filósofo como aviltante à própria vida, como um cerceamento desta, um eterno dizer não, o além-do-homem deveria transcender a ordenação vigente, excedendo-a em seus limites, estabelecendo novos valores. O mesmo dionisíaco é compreendido por Nietzsche como a essência da tragédia grega, sendo esta exaltada por Lúcio como “a culminância da evolução histórica do homem; é mais plena de vida e mais intensa – [...] nenhum teocentrismo a corrompe; nenhum humanismo sistematizado, nenhum cientificismo, nenhuma moral.” (CARDOSO, 2012, p. 78-79).

É curiosa a ligeira semelhança entre as palavras proferidas por Lúcio Cardoso em seu depoimento a Fausto Cunha e alguns trechos de obras nietzschianas. Em *O nascimento da tragédia*, o filósofo afirma conceber a obra como um produto de seu instinto contra a moral:

Contra a moral, portanto, voltou-se então, com este livro problemático, o meu instinto, como um instinto em prol da vida, e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contravaloração da vida, puramente artística, *anticristã*. Como denominá-la? Na qualidade de filólogo e homem das palavras eu a batizei, não sem alguma liberdade - pois quem conheceria o verdadeiro nome do Anticristo? - com o nome de um deus grego: eu a chamei *dionisíaca*. (NIETZSCHE, 1992, p. 9; grifo do autor).

No prólogo de *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*, a similitude entre o punhal de Lúcio e sua declaração de luta contra Minas – a qual visava “destruir e incendiar pela visão de uma paisagem apocalíptica e sem remissão” (CARDOSO, 2012, p. 731) – e Nietzsche também é percebida:

Este pequeno livro é uma *grande declaração de guerra*; e, quanto ao escrutínio de ídolos, desta vez eles não são ídolos da época, mas ídolos *eternos*, aqui tocados com o martelo como se este fosse um diapasão – não há, absolutamente, ídolos mais velhos,

valores advinda da moral judaico-cristã já seria, por si, um processo de transvaloração. Sobre essa questão, cf. RUBIRA, 2005.

mais convencidos, mais empolados... E tampouco mais ociosos... Isso não impede que sejam os *mais acreditados*, e, principalmente no caso mais nobre, tampouco são chamados de ídolos... (NIETZSCHE, 2006, p. 8; grifos do autor).

Variadas são as interpretações acerca do martelo nietzschiano, muitas vezes concebendo-o como dotado de funções de auscultação, destruição ou criação (MATILDE, 2013, p. 50). Kaufmann (2013, p. 112-113), aproximando-o da ideia de transvaloração, defende o caráter de violência e agressividade imbuída ao instrumento, lembrando passagens do filósofo alemão nas quais havia menção ao raio esmagador desse processo. De um modo ou de outro, o mesmo martelo que perscrutaria a vacuidade da moral – isto é, o oco de um valor, o oco da própria moral – seria o responsável pela destruição desta. A transvaloração, suplantando a conjuntura vigente, destruiria todos os símbolos, todos os ídolos, princípios, crenças e convicções, expondo o vazio de uma moral não apenas infecunda e prescindível, mas danosa em seu controle e refreamento. Essa violência também é encontrada em Lúcio, como indica Lucia Helena Vianna ao afirmar que o escritor “ateia fogo sobre um reduto sagrado da tradição cultural brasileira” (2004, p. 158).

Ao discorrer sobre a vontade de poder em Nietzsche, Lúcio compara o rompimento da moral vigente com a vitória em uma luta interior contra os instintos e as sensações, dizendo haver em relação a ambas uma equivalência no que concerne à sensação de poder (2012, p. 52). Dir-se-ia então que Lúcio caminha em prol de uma autoafirmação, não apenas se posicionando contra a moral provinciana a ele contemporânea, mas expondo, através do conjunto de suas obras, as rachaduras de uma sociedade débil, buscando destruir, a golpes de punhal, aquela moral. Em semelhança à Cioran, que proclama a necessidade de se declarar nulas “todas as verdades dessa gente ressequida” (2011, p. 105), o escritor mineiro busca expor todo o sistema circulatório da cultura mineira, exibindo-a em sua nudez, revelando a sua hipocrisia e a sua miséria.⁹ Uma das formas pela qual isso se realiza em seu trabalho é, como indica Carlos Roberto da Silva (2016), através do papel metafórico das doenças – como é o caso de Nina, acometida pelo câncer, na *Crônica da casa assassinada*. Entretanto, a mera exposição não é suficiente para o saciamento do autor. Lúcio busca também destruir, apunhalar e assassinar Minas Gerais, subsistindo a qualquer quebra de imbricações existentes entre ambos.

Expor-se-á, a partir de agora, uma interpretação do título de *Crônica da casa assassinada* que se mostrará norteadada pela questão do assassinio, considerando especialmente a afirmação de Lúcio acerca da obra como movimento de luta e de seu posicionamento, com punhal erguido, em riste, desferindo um golpe contra a terra de origem, procurando sobreviver a ela, superá-la, conquistá-la, destruí-la,

⁹ Além de seus diários, Lúcio havia enquadrado os romances *Crônica da casa assassinada* e *O viajante* como movimentos de luta contra Minas Gerais. Acerca de seu projeto maior de “destruição” do estado natal, Cf. SANTOS, 2006, p. 463-474.

transvalorando seus valores provincianos, subjugando-os em uma tentativa de dizimar a moral judaico-cristã.

timóteo e o golpe fatal

Em artigo publicado por Walmir Ayala em 27 de abril de 1958, no “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*, Lúcio, quando questionado sobre o título do romance (que viria a ser publicado apenas no ano seguinte), responde: “No título, CASA está no sentido de família, de brasão. ASSASSINADA quer dizer atingida na sua pretensa dignidade, pelo pecado. Eis o ponto nevrálgico do drama: o pecado.” (CARDOSO, 1958, p. 1; grifo do autor). Em síntese, poder-se-ia então dizer que o pecado de cada um dos integrantes da família Meneses, inclusive Nina (apesar de ser a antítese, encontrava-se casada com Valdo, havendo assim uma vinculação burocrática), foi responsável pelo assassinio da casa. Entretanto, há elementos textuais que parecem não apenas indicar uma personificação do elemento que “assassina” a casa, mas a fixação do instante em que o golpe fatal é desferido.

Mario Carelli, coordenador da edição crítica da *Crônica da casa assassinada*, em comentário ao “Diário de terror”, sugere que o texto “indica quanto personagens como Padre Justino [...], André e, mormente, Timóteo expressam convicções fundamentais da mensagem pessoal do autor.” (CARELLI, 1996, p. 743; grifo nosso). Além de ser um meio de exteriorização do pensamento cardosiano, acredita-se que Timóteo, independentemente de sua imersão em um sentimento de ódio e de sua aparente loucura, bem como apesar de ser mais um dos “seres falhados que se acumulavam ao longo do passado daquela família” (CARDOSO, 2015, p. 58), é aquele que, dotado de certa racionalidade, desfere a punhalada final contra os Meneses. Faz-se necessário salientar que não se pretende discutir aqui, sistematicamente, questões atreladas às interpretações que indicam um significado alegórico de seus trajes e suas joias, ou de sua obesidade mórbida, sequer acerca do papel da homossexualidade do personagem na conjuntura da obra – apesar de tudo isso ser essencial para o funcionamento das demais engrenagens que constituem o romance e para o próprio papel de assassino sugestivamente atribuído a Timóteo.

No que diz respeito às roupas do personagem, Timóteo, admitindo tratar-se de uma alegoria,¹⁰ afirma: “quero erguer para os outros uma imagem da coragem que não tive. Passeio-me tal como quero, ataviado e livre, mas ai de mim, é dentro de uma jaula que o faço. É esta a única liberdade que possuímos integral: a de sermos monstros para nós mesmos” (CARDOSO, 2015, p. 59). Tem-se aqui a indicação de um cerceamento de liberdade autoinstituído, de modo que a jaula, para além das restrições oriundas do mundo que se manifestava alheio a ele, é um produto da ausência de determinação. Assim, por mais execrável e monstruosa que possa ser a sua imagem física, a autoconsciência estabelece uma figura deveras hedionda, não por sua constituição corporal, mas pela sua inaptidão para a luta pela vida e por sua

¹⁰ Cf. SILVA, 2009.

ruína existencial. Por mais que se apresente muitas vezes de modo soberbo em relação aos irmãos, quando visto pelos próprios olhos, Timóteo tem de si uma imagem mais horrível e desprezível do que qualquer outra pessoa poderia assimilar, pois traz consigo o fracasso e a consciência deste:

Ah, Nina, as vezes que me odiei, que odiei a minha feiura, a minha indignidade. As vezes que maldisse a mim mesmo e ao meu sangue sem forças! Como chorei sobre esta poltrona onde agora você descansa o braço, alto, inutilmente, avaliando o tempo de que dispunha e os recursos que me sobravam! Junto desta janela, à pouca luz que entrava, apalpei meus braços inchados, minhas pernas, meu rosto deformado. Sabia que estava doente, e que todo eu era apenas feno adocicado e podre. O próprio húmus que escorria de mim era uma mistura de perfume e sal corrompido. (CARDOSO, 2015, p. 215).

Timóteo também discorre sobre a liberdade, tem consciência de sua monstrosidade, mas durante anos reduz a sua atuação à inércia constituída de ódio e frustração, sem destemor ou ânimo para incendiar e destruir a casa dos Meneses e, conseqüentemente, aniquilar o seu indulto para a falta de ação a que se dignou. Como afirma Lúcio em seus *Diários*, em entrada de abril de 1958, “A liberdade, a única liberdade autêntica, é a de ser homem, mas totalmente, com as nossas faces conjuntas do bem e do mal. Todo ser autêntico é um ser implantado na sua forma total” (CARDOSO, 2012, p. 453). Entretanto, como se vê através de Timóteo, o reconhecimento em si de uma face dual não se mostra suficiente para o exercício da liberdade, sendo necessário que o próprio mal se consubstancie em ação em prol de uma emancipação. O personagem assim reflete crenças do autor, mas é, por um longo tempo, incapaz de assumi-las em um viés prático, resignando-se à mera consciência vazia de uma pretensa autonomia e independência – “Depois que resolvi ser independente...” (CARDOSO, 2015, p. 57) –, invejando a real liberdade, como aquela de Maria Sinhá – “com seus desaforos, sua liberdade e seu chicote” (CARDOSO, 2012, p. 58) –, limitando-se a um pensamento que possivelmente era recorrente:

Mas um dia, está ouvindo? – um dia eu me libertarei do medo que me retém, e mostrarei a eles, ao mundo, quem na verdade eu sou. Isto acontecerá no instante exato em que o último dos Meneses deixar pender o braço num gesto de covardia. Só aí terei forças para gritar: “Estão vendo? Tudo o que desprezam em mim, é sangue dos Meneses!” (CARDOSO, 2015, p. 59).

A falta de coragem para exteriorizar a sua liberdade para além do uso de vestimentas e acessórios parece ser inintencionalmente ocultada e deixada de lado

pela suposta liberdade: “meu espírito livre se apodera das coisas. Amo e padeço como qualquer um, odeio, divirto-me, e, boa ou má, sou uma verdade estabelecida entre os outros, e não uma fantasia.” (*idem*, p. 61). É, porém, a mesma pretensa liberdade que, através da experiência do ódio, permite, com a chegada de Nina, o advento de uma mobilização em prol da destruição dos Meneses. Até mesmo a personagem carioca se mostrava incapaz de compreender as reais motivações e intuitos do cunhado, pois declara em certo momento: “procurei, em vão, adivinhar a origem certa do seu movimento. Mas aquele era, provavelmente, um dos segredos que eu morreria ignorando” (*idem*, p. 86). Timóteo também, por mais que afirmasse encontrar-se em um estado diverso do anterior, experienciando os frutos de sua “liberdade”, certamente não se sentia satisfeito ou saciado por aquela existência. É na voz de Betty que se tem as palavras mais profundas e menos julgadoras, uma possível característica do personagem: “E aí estava: sempre que ia ao quarto dele, sentia-o debruçado sobre a sua alma. Literalmente debruçado, como alguém que do alto procura no fundo de um poço um objeto perdido.” (*idem*, p. 148). Apesar de a continuidade do trecho sugerir tratar-se de momentos nos quais Timóteo refletia e elaborava os passos de sua vingança, acredita-se que tal descrição se aplica a qualquer outro momento de afastamento integral do mundo fenomênico para o oceano de sua própria consciência, esquadrihando não apenas as possibilidades de ação futuras, mas os atos pregressos.

Ana, em confissão ao Padre Justino, referindo-se ao silenciamento da família sobre Timóteo, compara: “como se silencia sobre uma doença reservada” (*idem*, p. 109). Acontece, porém, que o mero gesto de silenciamento acerca de uma enfermidade muitas vezes não traz a cura juntamente ao mutismo. Com a sua falsa liberdade e mesmo com a sua marcada ausência de coragem, Timóteo continuava a ser uma infecção não tratada, acentuada pela presença de Nina e pelo vislumbre da possibilidade da efetivação de sua vingança. Valdo, em certa medida, estava ciente disso: “Não é tão inocente assim, Betty. Timóteo não descansará enquanto não nos destruir.” (CARDOSO, 2012, p. 121). Certamente pode-se dizer que esse permanente desejo de destruição era real, e o mesmo pode ser afirmado em relação à acentuação desse desejo pela presença de Nina, uma vez que abria portas para que Timóteo pudesse por elas passar:

Ah, Nina, quando começamos uma coisa, é preciso ir até o fim. E nós começamos, você não se lembra? Nós começamos. Nina, e você era toda a minha esperança. Desde que se foi, os Meneses cresceram de novo, tornaram-se únicos, formidáveis. Nina, é preciso destruir esta casa. Ouça-me bem, Nina, é preciso liquidar os Meneses. É preciso que não sobre pedra sobre pedra. Quando você se foi, chorei de pura raiva: nunca veria minha obra realizada, nunca. Eles eram mais fortes do que eu, mais fiéis, mais firmes do que a minha inteligência. Acabariam por me sepultar neste quarto. [...] Sabia que estava doente, e que todo eu era

apenas feno adocicado e podre. O próprio húmus que escorria de mim era uma mistura de perfume e sal corrompido. Sim, tinha meus dias contados, e sobre minha derrota, que era a derrota da minha vontade, elevar-se-ia para sempre a onipotência dos Meneses. (CARDOSO, 2015, p. 215).

Nina, apesar de muitas vezes reiterar a visão que os irmãos tinham daquele recluso, reconhecia a racionalidade que permeava as palavras proferidas por Timóteo: “Suas frases poderiam ser entrecortadas, desconexas para quem o ouvia apenas: mas para quem o pressentia, havia coerência entre os seus ditos e o fundo causticado do seu pensamento.” (*idem*, p. 212). Timóteo dependia de Nina e possivelmente acreditava que seria ela a responsável pelo golpe final que viria a abater os Meneses. Voltando-se para aquela “espécie de anjo exterminador” (*idem*, p. 490), disse: “Nina, você é quem nos vingará.” (*idem*, p. 338). Esta, por mais que não compreendesse a profundidade dos gestos do cunhado, reconhecia que aquele ser necessitava dela: “ele contava comigo para aquilo a que chamava o ‘nosso pacto’ – talvez eu devesse dizer-lhe que suas palavras eram para mim obscuras e sem sentido.” (*idem*, p. 216). Com a perda da companheira de batalha, Timóteo seria definitivamente derrotado, especialmente em razão de sua falta de ânimo. A notícia da vinda do Barão à sua casa, recebida logo após a informação acerca da morte de Nina, rapidamente faz com que Timóteo assuma a posição de soldado combatente, trazendo consigo também o regozijo, um riso semelhante a “um ranger de ferros, como o de um portão que se abre” (*idem*, p. 492).

Rememorando a satisfação de Betty ao pedir para que lhe trouxesse violetas as quais levaria à Nina, o personagem escreve: “Era evidente que para ela só existia a morte de Nina, e nem poderia apreender jamais que outra qualquer espécie de morte estivesse tão iminente, e fosse uma morte fria, executada a capricho, com mãos trabalhadas para a perícia e o assassinato.” (*idem*, p. 493). Tem-se nesse trecho a confirmação de que o seu ato era um assassinio, assim como a reiteração de que se tratava de uma morte planejada, por mais que os planos tenham sido alterados de acordo com as situações que conduziram àquele momento no qual a oportunidade para a instauração do desfecho de sua vingança através da maior e mais profunda investida contra os Meneses, a chance de “desferir o golpe final que prostraria para sempre o inimigo” (*idem*, p. 495), mostrava-se presente. É através do depoimento de Valdo que se tem a reiteração de que Timóteo, introduzindo-se em um espaço que, segundo os Meneses, jamais deveria adentrar, apresentando-se como símbolo de toda a desonra familiar, como personificação do pecado, da miséria, da desgraça e do caos, descendo da rede e, desnudando a hipocrisia familiar através da exibição de suas roupas, de suas joias, de sua carne, expondo as vísceras de uma casa há muito doente e decadente em sua velha estrutura – atingira finalmente Demétrio, o coração que insistia em bombear o sangue pútrido de veias tortuosas, dilatadas e deformadas:

[...] rompeu uma espécie de urro vibrante e dolorido como o de alguém que acabasse de ser mortalmente ferido. Voltei-me, convicto de que alguém acabara de ser atingido por uma punhalada. Mas não vi ninguém, nem percebi coisa alguma, fora a figura de Demétrio, curvo, completamente apoiado à mesa onde se encontrava o caixão. Fora ele quem gritara, não havia a respeito disto a mínima dúvida – e pálido, as mãos no ventre como se procurasse conter um sangue borbulhante que escorresse, era a imagem exata de um homem atingido pela arma do assassino, e que procurasse em vão, menos conter o sangue que o esvaziava, e o deixava inerme sobre a mesa, do que defender, trapo humano, a essência mortal que o compunha. [...] um impacto maior do que tudo, e que era a aparição daquele espectro, um verdadeiro espectro, mais portentoso do que a morte, porque ainda vivo e já morto, mais alto e mais solene, porque emissário entre os vivos de uma mensagem que pertencia ao outro mundo. (*idem*, p. 502-503).

O excerto acima mencionado é o que mais retifica a interpretação de Timóteo como o responsável pelo desferimento do golpe que ocasiona o assassinato da casa (ali representada pelo cerne duro e forte da tradição familiar dos Meneses, Demétrio). Encontra-se tanto a menção a uma punhalada quanto ao acometimento pela arma de um assassino. A entrada cênica do assassino, sua presença e projeção diante dos olhos de inúmeros cidadãos de toda a Vila Velha, tudo isso transubstancia-se em um espectro que carrega consigo um punhal, não apenas escandalizando os presentes por sua bestialidade, mas se voltando nocivamente em direção a Demétrio, rasgando-lhe o ventre, deixando aos pés da mesa que sustinha o caixão de Nina uma poça de sangue ao qual pisaria, não para se despedir da morta, mas “para cingir a verdade nos anéis do meu julgamento, e abandoná-la como pasto aos homens famintos de esperança” (*idem*, p. 495).

Apesar de Timóteo ser completamente díspar do além-do-homem nietzschiano, é ele o portador do punhal que Lúcio Cardoso busca erigir contra Minas Gerais para destruir a hipocrisia de uma fachada constituída pela moral judaico-cristã que oculta, atrás de si, um mar de pecado e hipocrisia.

A imagem vista por Valdo quando da entrada do irmão fê-lo acreditar que Maria Sinhá havia encarnado naquele corpo, e a sua narrativa igualmente remete à fala de Lúcio acerca do levantamento de uma arma contra a sua terra natal. Lê-se: “Como não senti-la ali naquela hora, [...] ousando de novo desafiar e corromper, com a mão erguida para um supremo gesto de afronta com que aniquilaria seus inimigos para sempre, seus idênticos e eternos inimigos?” (*idem*, p. 504). Acredita-se ser inegável a aparente relação existente entre os termos e gestos encontrados na narrativa da trajetória de Timóteo em prol de seu destrutivo grande final com o

pronunciamento de Lúcio acerca de seu movimento de luta contra Minas Gerais. Não se trata de estabelecer uma ligação direta entre o autor e o personagem, mas reconhecer que, assim como afirmado por Carelli, há uma mensagem pessoal do escritor aglutinada, mesmo que esparsamente, em diversas falas de variados personagens.

considerações finais

É praticamente impossível pensar Lúcio Cardoso sem vê-lo como caracterizado por uma miríade de contradições que inviabilizam uma formulação sistemática complexa de seu pensamento. Afirmar algo sobre o autor é comprometer-se e submeter-se às contestações realizadas por sua própria obra. As ambiguidades, dualidades e antinomias sempre existirão, uma vez que Lúcio se mostra como o melhor exemplo para a sua defesa da necessidade de aceitação do bem e do mal. Pensar a relação do escritor com Minas Gerais ou, especificamente, com Curvelo e Belo Horizonte, não é apenas vincular à sua infância toda a bagagem existencial conflituosa que existe no adulto. Delimitar questões e problemas também pode sempre soar redutivo, excluindo a complexidade intrínseca ao autor. Entretanto, o simples fato de se dizer algo acerca de uma complexidade é instaurar linhas interpretativas que muitas vezes deixam escapar o simples, o imediato, o palpável.

Maria Helena, irmã e cuidadora de Lúcio, suavizava a impressão que o escritor deixava acerca de seu aparente ódio por Minas. Em que medida o escritor era efetivamente afetado por suas memórias e heranças mineiras, ou com que frequência, ou até em que período da vida – nada disso é passível de ser apreendido ou transcrito, apenas conjecturado a partir de suposições e da aceitação ou não aceitação das pretensas verdades enunciadas por Lúcio. Maria Helena Cardoso (1973, p. 383) conta que em um momento de entusiasmo, o irmão havia prometido a Marcos (possivelmente Marcos Konder Reis) uma série de quarenta pinturas sobre Minas. Assim como ocorre com todos os seres em diversos âmbitos da vida, não há um sentimento único que permeia a relação do homem com as paisagens, com os espaços, com os objetos, com outrem. Amor e ódio coexistem amalgamados, formando um único componente que é, ainda assim, repleto de protuberâncias, deficiências e perdas.

A perturbação e inquietude oriundas dos conflitos existenciais, a contradição entre as crenças e a natureza constitutiva do homem, tudo, no fim, conduz a uma busca por estabilidade, por mais que às vezes renegada por seu caráter negativo de solidificação e engessamento. O pensar sobre tais contradições e controvérsias em busca de uma resolução ou de uma almejada paz pode ser compreendido como a própria natureza tentando se realizar e subsistir. Levantar-se contra aquilo que, de um modo ou de outro, prejudica a consciência atual do homem, é um movimento em prol da vida, e Lúcio certamente batalhava constantemente por isso, para que pudesse concretizar o seu trabalho como escritor

e assim alcançar a almejada redenção. Levantar-se contra Minas, condenar, como herdeiro de uma fé católica, as raízes venenosas de uma moral cristã, nada disso deve ser concebido como excepcional – ao menos não no sentido de anormalidade ou excentricidade. A sua fé e os constantes momentos de fraqueza em relação à mesma crença não o petrificaram em sua capacidade de compreensão da alma humana e de apreensão dos sofrimentos do mundo. Assim, de igual modo, procurar destruir valores cerceadores da liberdade humana, buscar uma transvaloração dos valores, mesmo que pensada sob a égide religiosa do livre arbítrio, não se torna algo controverso, ao menos não quando compreendido de modo afastado das preocupações do âmbito acadêmico. “Merda aos intelectuais”, sugere Lúcio (2012, p. 115) como “antidedicatória” para os seus diários.

No que concerne à interpretação sugerida neste trabalho acerca do papel exercido por Timóteo na obra *Crônica da casa assassinada* e das aproximações às declarações de Lúcio fora de sua obra ficcional, reitera-se que parece inegável a semelhança entre os usos terminológicos e a intencionalidade em predicar ao personagem a alcunha de assassino, não por superioridade moral (contraditoriamente, considerando o contexto familiar dos Meneses e a onipresença do “pecado”), mas pela força monstruosa que o personagem possui, apesar de não a expressar em sua integralidade.

Passados sessenta anos, os Meneses, semelhantemente ao afirmado por Manuel Bandeira, continuam mais vivos do que nunca, apesar da morte e do assassinio.

referências bibliográficas

AMADO, Gilberto. *Carta a Lúcio Cardoso*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Literário de Lúcio Cardoso, código LC – 09, s/d.

BANDEIRA, Manuel. Lúcio Cardoso. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 dez. 1960. Folha Ilustrada, Efemérides, p. 2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1960/12/03/21//4498698>. Acesso em: 6 nov. 2020.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BRANDÃO, Ruth Silviano. Lúcio Cardoso: príncipe, mas esfarrapado. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 31-38, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19328/10314>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Ed. Êsio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO, Lúcio. Entrevista a Walmir Ayala. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Suplemento Dominical, ano LXVIII, n. 96, 27 abr. 1958.

CARDOSO, Maria Helena. *Vida-vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

CARELLI, Mario. *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

CARELLI, Mario. Comentário ao Diário de terror. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição Crítica. Coord.: Mario Carelli. 2. ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

CIORAN, Emil. *Nos cumes do desespero*. São Paulo: Hedra, 2011.

CIORAN, Emil. *O livro das ilusões*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

COLLINS, Adela Yarbro. Paul's Disability: The Thorn in his Flesh. In: *Disability Studies and Biblical Literature*, 2011. Ed. MOSS, Candida; SCHIPPER, Jeremy. London: Palgrave Macmillan, 2011.

CUNHA, Fausto. MM: repouso forçado. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, ano LXX, n. 254, 28 out. 1960.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2013.

KIERKEGAARD, Sören. The Thorn in the Flesh. In: *Eighteen Upbuilding Discourses*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1992, p. 327-346.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MATILDE, Braian Sanches. O martelo transvalorador. *Revista Trágica: estudos sobre Filosofia da Imanência*, v. 6, n. 2, 2. sem. 2013, p. 48-55. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26679/14635>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MULLINS, Terence. Paul's Thorn in the Flesh. In: *Journal of Biblical Literature*, v. 76, n. 4, p. 299-303, dez. 1957. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3261900>. Acesso em: 18 jul. 2020.

NIETZSCHE. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Hemus, 2001.

NIETZSCHE. *Ecce homo*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE. *O anticristo*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

NIETZSCHE. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FARIA, Octávio de. Nota de página. In: CARDOSO, Lúcio. *Poemas inéditos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RUBIRA, Luís Eduardo. Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche. *Revista Tempo da Ciência*, v. 12, n. 24, p. 113-122, 2005. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/449/364>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. *A exigência religiosa e os limites da ética: considerações acerca da continuidade ou ruptura entre os estágios ético e religioso em Kierkegaard*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004, 122 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6469/1/2004-DIS-LCFSAMPAIO.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SANTOS, Cássia dos. Criando Vila Velha e destruindo Minas Gerais: Lúcio Cardoso e a série iniciada com a Crônica da casa assassinada. *Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação*, v. 11, p. 463-474, 2006. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/177>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SANTOS, Cassia dos. *Uma paisagem apocalíptica e sem remissão: a criação de Vila Velha e da Crônica da casa assassinada*. 2005. 282pp. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270213>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SILVA, Carlos Roberto da. *A estetização da doença na ficção de Lúcio Cardoso*. 2016. 183f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-A7GNNQ>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa e. *Do traje ao ultraje*. Maceió: EDUFAL: CESMAC, 2009.

SILVA, Enaura Quixabeira. *Lúcio Cardoso: paixão e morte na literatura*. Maceió: EDUFAL, 2004.

VIANNA, Lúcia Helena. Lúcio Cardoso, o sujeito ex-cêntrico. *Gragoatá – Revista do programa de Pós-Graduação em Letras*, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, n. 17, pp. 151-169, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33324/19311>. Acesso em: 31 jul. 2020.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. *A grande política em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 2006.

VILELA, Andréa de Paula Xavier. *Lúcio Cardoso: o traçado de uma vida*. 2007. 204f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=120572. Acesso em: 28 jul. 2020.